

ROVERI, Andréa. Quando a esperança bate no fim do túnel: na Fazenda do Senhor Jesus, a ordem está na filosofia do “Amor Exigente”. A Tribuna, Campinas, 06 abr. 1997.

Quando a esperança bate no fim do túnel

ANDRÉA ROVERI

Quem são esses meninos e meninas, adolescentes e até mesmo pais de família, usuários de crack, entre outras drogas, que se deixam dominar por produtos altamente destrutivos e entram num caminho que para muitos não tem volta? Frutos de famílias mal estruturadas, com pais alcoólatras ou drogaditos, procuram, segundo especialistas, uma vida sem sentido, já que o sentido da vida se perdeu na infância mal vivida.

"Posso dizer que a maioria dos casos que tratamos durante todos esses anos foram de jovens que chegaram às drogas por problemas familiares. No total, 90% dos nossos residentes (termo usado para definir os internos), estão se recuperando do vício do crack.", explica o padre Haroldo J. Rahm, presidente nacional da Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas. Com 20 anos de trabalho em comunidades terapêuticas em todo o País, ele teve contato direto com mais de 10 mil viciados que procuraram, ao longo desse tempo, uma das unidades de recuperação de drogas da qual é responsável.

Padre Haroldo explica que a recuperação integral depende apenas da vontade do viciado (o termo usado nas comunidades terapêuticas é farmacodependentes) que busca a internação como última alternativa. "A maior parte daqueles que aceitam fazer o tratamento e treinamento de até seis meses fica sóbrio para o resto da vida. Eu diria que mais de 50% dos que passam por aqui com o intuito de se curar, já que o vício é uma doença, são recuperados", explica.

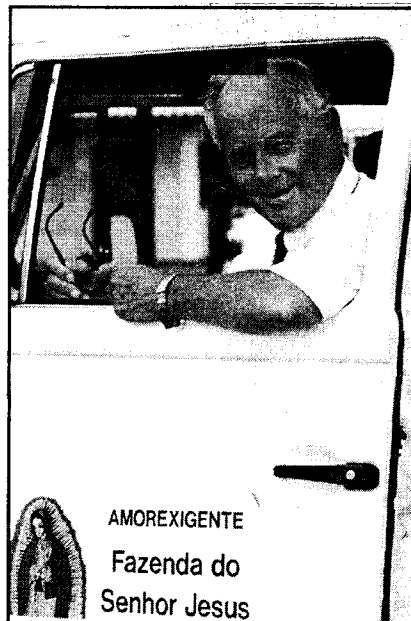
Lista de espera

Atualmente, 200 residentes, entre homens, mulheres e crianças de rua, entre oito e doze anos, fazem parte do trabalho de recuperação de drogas e álcool. Outras 50 pessoas estão numa lista de espera para a internação em uma das comunidades terapêuticas coordenadas pelo padre Haroldo. Para conseguir uma vaga é preciso demonstrar interesse pela ressocialização, aceitar as regras impostas para o tratamento e permanecer sóbrio durante todo o período de internação.

No modelo das comunidades, os internos aprendem atividades de trabalho e disciplina e desenvolvem a espiritualidade, um dos pontos básicos para a recuperação. "O dependente não tem

culpa de ser assim, mas tem responsabilidades sobre as suas atitudes". A maior dificuldade, segundo o padre, é a adaptação do viciado à vida sem a droga. Muitos dos que chegam em busca de tratamento, só conhece esta maneira de viver. "São garotos e garotas que desde muito cedo caminham lado a lado com o vício e pessoas que usam drogas. O crack é muito fácil de ser encontrado, e por um preço baixo. Tirar os meninos da rua significa prevenir o encontro com essa vida fácil e ilusória", ressalta.

Na comunidade o residente é responsável por tudo o que faz e tem tarefas diárias para manter o local, como se fosse a sua própria casa. Até mesmo os meninos de rua têm escala para limpeza dos quartos e banheiros e são fiscalizados quanto à arrumação dos armários. Esse sistema, além de garantir ao interno uma orientação geral sobre res-



Padre Haroldo J. Rahm

ponsabilidades, vem suprir as necessidades do local que não tem nenhum retorno financeiro para sua subsistência.

Segundo levantamento feito pelo padre Haroldo, entre roupas de uso próprio, cama e banho, alimentação e gastos como

água, luz e manutenção geral, cada jovem custa R\$ 900,00 por mês para a entidade. “É um valor muito alto. E essa é uma das desvantagens de se ter um trabalho como esse no Brasil, onde as entidades não recebem nenhuma ajuda do Governo Federal”, explica.

Entre os modelos de instituições de acolhimento e tratamento de viciados em drogas e álcool na América do Norte, por exemplo, o governo dá um auxílio de custo mensal para cada jovem interno de US\$ 100,00. Na Suíça, o padre afirma que a contribuição mensal chega a ser de US\$ 300,00. “É por isso que nós temos difi-

culdades em abranger mais ainda os trabalhos de internação, mesmo comprovando que esse é o meio mais eficiente de recuperar um dependente de drogas e álcool”.

Além do vício de álcool e drogas, os profissionais que trabalham nas comunidades estão tentando eliminar também o uso do cigarro entre os internos. Segundo análises feitas por psicólogos que trabalham com pessoas que têm qualquer problema com vício, o sexo, o cigarro e a sensação de poder são fatores agravantes para a não-recuperação. A abstinência total é a orientação passada aos residentes porque, segundo os psicólogos, o viciado em drogas que se envolver com álcool, depois de passar pelo processo de recuperação, tem fortes tendências de se tornar um alcoólatra.

Para o sociólogo Hamilton Chelegon, que desenvolve trabalho com dependentes de drogas em uma clínica no Cambuí, o ponto básico para a recuperação é a orientação aos pais: “O único responsável pela recuperação total é o próprio usuário, mas os pais são contribuintes para que o processo seja mais ou menos demorado”, diz. “Costumo falar que o pai não deve ser tolerante, mas paciente para entender e explicar as situações. Nada adianta dizer ‘eu sempre deixei ele fazer o que quis, nunca faltou nada em casa’ se o que o adolescente realmente quer é se sentir útil.”, explica Chelegon.



□ Muitos que chegam para fazer tratamento na Fazenda não tiveram outra realidade no seu dia-a-dia